

O USO DOS ESPAÇOS LIVRES ESCOLARES NAS DIFERENTES IDADES

THE USAGE OF SCHOOL OPEN-AIR SPACES THROUGHOUT DIFFERENT MOMENTS OF CHILD DEVELOPMENT

Laís Regina Flores
lais.r.f@gmail.com

RESUMO

O presente texto é resultado de pesquisa de iniciação científica realizada entre 2006-2007 na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP sob orientação do Prof. Dr. Fábio Mariz Gonçalves. A pesquisa em questão verificou a importância da existência de espaços livres em escolas e, por meio de dois estudos de caso, constatou as demandas e preferências por parte dos usuários – alunos e professores – quanto a esses espaços.

Este artigo tem por objetivo identificar – com base nos resultados da pesquisa – os diversos usos possíveis para os espaços livres escolares e sua variação de acordo com a faixa etária dos alunos, abordando as idades entre sete e 17 anos. Pretende-se, desse modo, apontar os aspectos que o projeto desses espaços deve compreender de maneira a garantir que atenda às necessidades de seus usuários.

Palavras-chave: Escola, espaço escolar, espaço livre.

ABSTRACT

The present text is a result of an undergraduate level research carried out between 2006 and 2007, in the Faculty of Architecture and Urbanism of the University of São Paulo, under the supervision of Prof. Dr. Fábio Mariz Gonçalves. The research verified the importance of the existence of open-air spaces in schools and, through case studies, analyzed the users' – students and teachers – demands and preferences concerning such spaces.

This article intends to identify – based on the research results – the various possibilities of activities to take place in the schools' open-air spaces, and how the children's interest in them changes throughout their development, especially between the ages of 7 and 17 years old. That way, we expect to point out the aspects that should be considered in the design of such spaces in order to guarantee that it caters for the users' needs.

Keywords: *Scholl, educational space, open-air spaces.*

INTRODUÇÃO

As atividades realizadas dentro de um determinado espaço têm seus resultados diretamente relacionados à interação da pessoa com o espaço. No caso de uma escola, estamos tratando não apenas do rendimento da criança e da quantidade de conteúdo aprendido, mas de seu desenvolvimento. A criança passa boa parte de seu dia na escola, e tudo o que acontece lá dentro tem um valor enorme na vida do indivíduo.

A escola não é um lugar de estadia breve e temporária, mas de vivência. O espaço escolar adquire, para a criança, relação com sentimentos tais como segurança, medo, exclusão, etc., relações essas resultantes não apenas das interações com colegas e

professores, mas também com o espaço, e tais interações têm valor muito significativo na formação do aluno.

Dessa maneira, desprezar a importância de um projeto criterioso ou reduzi-lo à mera obediência quantitativa do programa é um erro que poderá contribuir para problemas na formação e no desenvolvimento do aluno.

Nesse contexto, as implicações da existência de espaços livres relacionam-se às funções que esses espaços adquirem dentro da escola, que não são poucas. Em uma escola, o espaço livre não deve jamais resumir-se a um “resto”, àquele espaço residual que sobra no terreno após a implantação do edifício. Ele é muito mais do que isso, é um espaço de convivência, de vivência e de experiências.

AS FUNÇÕES DOS ESPAÇOS LIVRES ESCOLARES

Na pesquisa realizada ao longo de 2007, foram levantadas as possibilidades de utilização do espaço livre escolar, a partir das quais se definiu seis principais funções para o mesmo, como são abordadas a seguir:

1 – O contato social: O contato e a interação social ao longo do desenvolvimento infantil permitem à criança criar independência dos pais e inserir-se em um grupo, o qual tem uma influência muito grande sobre o comportamento social da criança no futuro. O espaço que permite as relações sociais contribui para o desenvolvimento da auto-estima, das habilidades de comunicação, da criatividade e desenvolvimento emocional (MOORE; GOLTSMAN; IACOFANO, 1992).

2 – Brincar e jogar: A importância das atividades lúdicas na infância é mais do que o simples lazer. O brincar é a atividade principal da criança, ou, como descreve Lucato (2000), atividade inata da criança, a partir da qual ela pode se auto-educar. Olson (1958) define brincadeiras como *“maneiras de liberar energia e de dar oportunidade à criança de planejar, organizar e produzir”*. Por sua vez, o jogo, ou as brincadeiras com regras, têm diversos resultados benéficos, como ensinar o respeito às regras – desde que mantido o caráter recreativo e informal – e facilitar a socialização das crianças.

3 – Motricidade e sentidos: Em terceiro lugar, o espaço livre está intimamente ligado ao desenvolvimento físico, motor e sensorial, pois é o lugar de correr, pular, escalar, subir, enfim, testar e experimentar todas as possibilidades e os limites do corpo para ganhar controle sobre o mesmo.

4 – Pedagógico: Ainda outro uso possível são aulas ao ar livre, que propiciam mudanças sempre bem-vindas na rotina, além de proporcionar possibilidades interessantes de prática e aplicação do conteúdo aprendido na sala de aula, como, por exemplo, estudos das espécies vegetais e animais existentes na escola.

5 – Ambiental: Por fim, deve-se atentar para a importância da educação ambiental no atual contexto de degradação do meio ambiente. O contato com a natureza é sempre benéfico nesse sentido, contribuindo para a conscientização das crianças a respeito da importância da conservação.

6 – Possibilidades para atividades individuais: Momentos introspectivos também fazem parte da vida dos jovens. Embora na maior parte do tempo prefiram realizar atividades diversas com o grupo de amigos, em determinados momentos aparece a vontade de passar tempo sem companhia. Nos questionários foram verificadas respostas que apontam a existência desses momentos em diversas idades. A exemplo, na segunda série, uma criança de oito anos disse passar o tempo do intervalo *“olhando o lago de longe”*. Na sexta, uma menina de 13 respondeu ficar durante o recreio *“parada, lendo um livro”*. Uma aluna de 17 anos que disse ficar *“olhando o povo passeando pelo pátio”*, assim como outro colega também do 3º ano, cuja resposta foi *“olhando o movimento de outras pessoas”*.

As seis funções das descritas acima foram identificadas a partir das diversas possibilidades de uso do espaço livre escolar citadas pelos vários autores (arquitetos e pedagogos) consultados, e a partir dos resultados dos estudos de caso.

Os dois últimos itens abordados são válidos da mesma maneira para qualquer idade. As outras funções do espaço livre têm certa variação em importância ou abordagem de acordo com a faixa etária, e essas variações serão discutidas a seguir.

ESTUDOS DE CASO E ENTREVISTAS

Visando verificar essas discussões na prática, foram realizados estudos de caso em duas diferentes escolas públicas em São Paulo.

A primeira escola, uma escola estadual construída no período de ditadura militar, localiza-se no bairro do Jaguaré, em proximidade a três diferentes favelas, cujas crianças são atendidas por essa entre outras escolas da região. A escola atende ao Ensino Fundamental II e Ensino Médio, ou seja, 5ª série do Fundamental (11 anos) até 3º ano do Ensino Médio (17 anos). Seu edifício ocupa apenas 20% do terreno de 9.200 m² em que está implantado, porém, do espaço restante, 5.300 m² – mais da metade da área total – e está ocioso, desprovido de qualquer tratamento, acesso ou uso. O espaço utilizado pelas crianças nos intervalos se limita a um pátio coberto, uma quadra coberta e corredores abertos entre os blocos do edifício (Figura 1).

A segunda escola, um Centro Educacional Unificado, atende a todos os níveis escolares anteriores ao Ensino Médio, e fica localizada no Butantã, em um terreno de generosos 50.300 m². Desses, aproximadamente 9% são edificadas. O restante constitui um espaço livre plenamente utilizado, com quadras poliesportivas, lago, pista de skate, praças e parquinhos. Os CEUs são escolas municipais implantadas nas regiões periféricas do município, nos quais os índices sociais apontam maior analfabetismo. Sua concepção os entende não apenas como edifícios escolares, porém como um complexo de escolas e espaços culturais reunidos em um único terreno de grandes dimensões (Figura 2).

Embora os espaços livres disponíveis nas duas escolas estudadas fossem essencialmente diferentes, tanto em sua área quanto em seu tratamento, percebeu-se tendências quanto às preferências relacionadas a tais espaços – de acordo com a idade dos

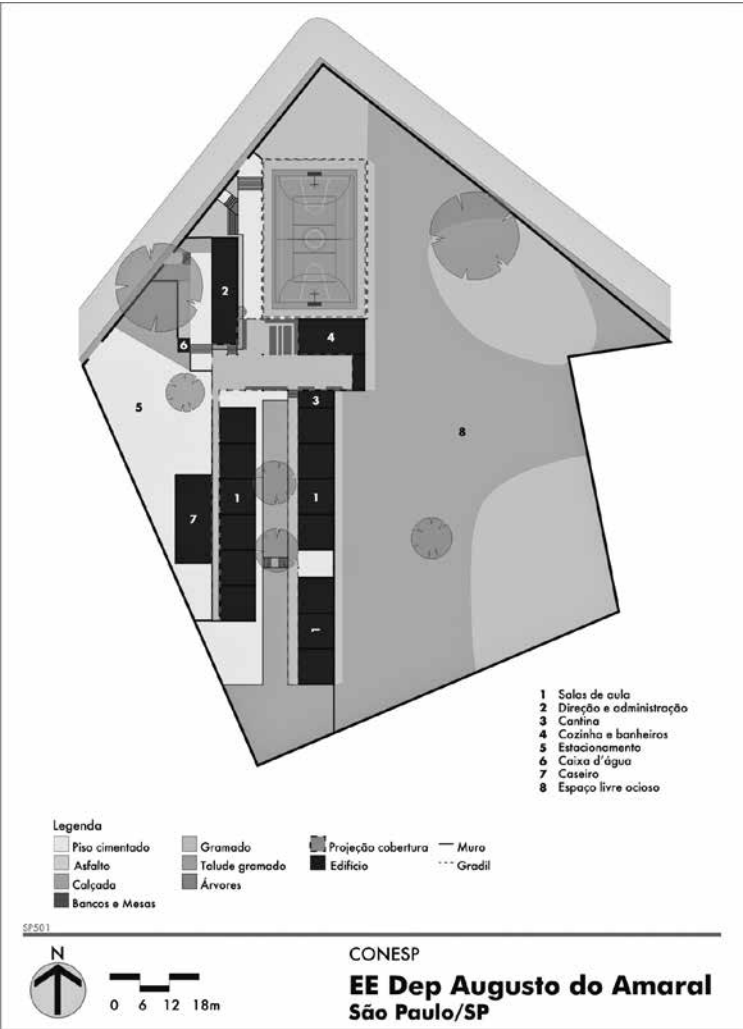


Figura 1

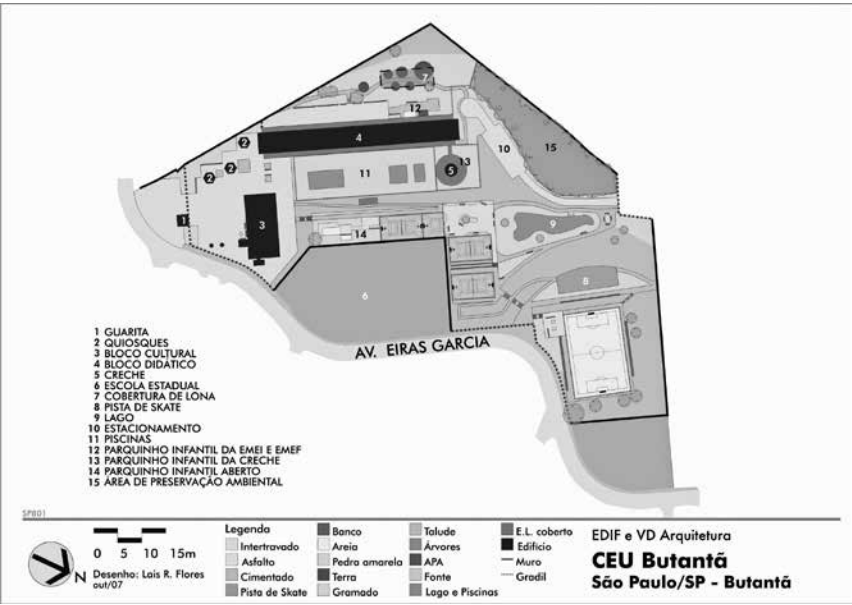


Figura 2

alunos – que pouco variaram de uma escola para a outra nas faixas etárias atendidas por ambas as escolas.

A atividade realizada com os alunos aconteceu dentro das salas de aula, durante o horário das aulas, e consistia na resposta individual aos questionários e no trabalho com um desenho ou com a planta da escola. O questionário propunha que os alunos explicassem como gastavam seu tempo de recreio, se passavam tempo na escola antes e após a aula, o que eles acreditavam faltar, na escola, entre outras perguntas que envolviam, essencialmente, o uso e as preferências para os espaços livres. Algumas questões tiveram certa variação entre as duas escolas, devido às suas realidades diferentes. Por exemplo, enquanto na escola estadual foram dadas sugestões de resposta na pergunta a respeito daquilo que faltava na escola, no CEU essa pergunta teve de ser deixada aberta, pois todas as sugestões propostas na outra escola já faziam parte do programa daquele CEU.

Foram visitadas, praticamente, todas as série entre a 1ª série do Ensino Fundamental e o 3º ano do Ensino Médio – com exceção apenas da 3ª série do Ensino Fundamental e do 2º ano do Ensino Médio – e a atividade variou de acordo com a idade dos alunos da seguinte forma:

1ª e 2ª séries (crianças de 7 e 8 anos, predominantemente): Pediu-se um desenho livre com as atividades realizadas no espaço livre como tema, e o questionário foi preenchido pela pesquisadora, que fazia as perguntas oralmente a um grupo de três a cinco crianças. Tentou-se as respostas individuais ao questionário, porém, devido às dificuldades das crianças com a leitura e a escrita, e o tempo disponível para a atividade (aquele de uma aula, ou seja, 45 minutos), concluiu-se que essa opção não era viável.

4ª série (10 anos de idade, predominantemente): Também foi-lhes proposto o desenho livre, porém para essa idade já lhes foi possível aplicar o questionário individualmente.

5ª a 8ª série (alunos entre 11 e 14 anos): A resposta dos questionários foi feita individualmente. A partir da 5ª série, ao invés do desenho livre, foi fornecida uma planta dos espaços livres da escola, sobre a qual se pediu ou para indicar os espaços de preferência, ou para realizar mudanças na planta, explicando o que gostariam que houvesse de diferente naqueles espaços. Tentou-se, em algumas salas, pedir o desenho livre em adição à intervenção na planta, porém se percebeu que as crianças dessa idade já são muito inibidas com relação às suas habilidades de desenho, e poucos alunos se atreviam a desenhar, enquanto a maioria respondia, constrangida, que desenhava mal.

1º ao 3º anos do Ensino Médio (alunos de 15 anos em diante): O questionário foi respondido individualmente, e pediu-se aos alunos que realizassem, na planta, um “projeto” para os espaços livres da escola. Para essa faixa de idade foi possível o trabalho em grupo, que não funcionou com os alunos mais novos.

De acordo com as tendências encontradas nas respostas, foi possível separar os alunos de acordo com as seguintes faixas etárias:

1ª e 3ª séries, 7 a 9 anos (investigada apenas no CEU)

4ª a 6ª séries, 10 a 12 anos (investigada em ambas as escolas)

7^a e 8^a séries, 13 e 14 anos (investigada em ambas as escolas)

Ensino Médio, 15 anos em diante (investigada apenas na escola estadual)

A ausência da 3^a série do Ensino Fundamental e do 2^o ano do Ensino Médio nas investigações não criou problemas para avaliar as faixas etárias devido à variação de idade dos alunos das séries anteriores e posteriores.

PREFERÊNCIAS DOS ALUNOS POR FAIXA ETÁRIA QUANTO AO ESPAÇO LIVRE

A – 1^a a 3^a séries, 7 a 9 anos

Uma idade fortemente marcada pela infinita energia que as crianças apresentam. A busca por atenção dos adultos é muito forte, as crianças fazem perguntas, mostram os desenhos que estão fazendo, pedem opiniões, sugestões, mostram outros desenhos que fizeram em outras aulas, não sossegam nem por um momento. O gosto pelo desenho é muito claro nessa idade. Todos os alunos gostam de desenhar, a maioria pedia mais folhas para fazer outros desenhos, desenhava atrás, dedicava-se ao desenho, pintando cada detalhe. Embora em alguns momentos o resultado seja de interpretação mais difícil, na maioria dos desenhos está bem claro o tema principal, a piscina, a quadra, o parquinho, o lago. Algumas crianças identificam seus desenhos com pequenas frases como “eu gosto da barra de macaco”, “esse é o lago” ou “gosto de brincar no parque”. A maioria das crianças representa a si nos desenhos, e em poucas ocasiões outras pessoas – amigos ou professor – são representados.

O contato social nessa idade – os grupos de amigos, os interesses por atividades coletivas, etc. – ainda é pouco significativo. Segundo Olson⁶, na primeira série as crianças gostam de estar em grupos de outras crianças, mas ainda brincam sozinhas, não havendo um sentimento de lealdade para com o grupo. O interesse por atividades em grupo começa entre os oito e dez anos. Essa tendência é verificada com clareza nos desenhos. Enquanto 27 dos 81 desenhos apresentados pelas crianças dessas duas séries representavam o parquinho como tema principal, apenas 14 mostravam a quadra como palco das atividades realizadas nos espaços livres. Os questionários, por sua vez, mostraram que 70% das crianças dessa idade preferem passar o tempo de recreio brincando, enquanto menos de 10% mencionaram conversar com amigos.

As mesmas constatações deixam clara a necessidade de atender amplamente à segunda função dos espaços livres escolares: espaços para brincar e jogar. A atividade mais importante da vida nessa idade é brincar, como coloca Lucato (2000), “o brincar é o complemento natural, indispensável e espontâneo das crianças”. Isso aparece com muita ênfase nos questionários, nos quais todas as questões pareciam poder ser respondidas com “brincar”. Mais de 70% respondeu passar o tempo de recreio brincando, metade aponta “brincar” como o que mais gosta de fazer na escola, e nessas séries a resposta mais comum para a pergunta sobre o que falta na escola foi “mais brinquedos”. Sugestões não faltam: “Balança de ir para frente e para trás, de pneu não vale”, “Mais

um parque. Tem dois, um de cada lado, podia ter mais um”, “Uns brinquedos novos, gira-gira, trepa-trepa, balanço.”

É ainda essencial, nessa idade, que os espaços livres ofereçam inúmeras possibilidades para desenvolvimento físico e motor. Lugares para subir, pular, escalar, correr, devem, necessariamente, fazer parte do programa. Olson (1958) descreve que o crescimento das habilidades motoras contribui para o aumento da auto-estima e da confiança em si, e ajuda nos contatos sociais. Abbud (2006) identifica essas mesmas necessidades ao mostrar que crianças de cinco a dez anos adoram *“brincadeiras mais agitadas em trepa-trepas, escadas horizontais, escorregadores altos, pontes pênséis de corda, castelos e fortes sobre palafitas, com tubo para escorregas, ao modo dos bombeiros”*. O autor também discute como utilizar os elementos do espaço livre para instigar a criatividade das crianças: *“é interessante que as áreas de recreação infantil contenham elementos para desenvolver a criatividade, como dunas gramadas que lembram montanhas; trenzinhos e barcos, onde são feitas ‘viagens imaginárias’; caixas de areia, que recordam a praia, instigam a construção de castelos e muitas outras invenções.”*

As possibilidades de aulas ao ar livre já são, nesse momento, bastante amplas. Nas salas visitadas correspondentes a essas séries verificou-se que esse tipo de atividade era realizada frequentemente. Na segunda série, especialmente, as aulas eram regulares, como explicaram alguns alunos. *“Toda quinta-feira no parque, pode trazer brinquedo.”* Imaginar-se-ia que levar crianças dessa idade para os espaços livres nos horários seria pouco indicado, pois a constante agitação dos alunos dificultaria concentrá-los em uma atividade em um espaço aberto. Entretanto, as respostas das crianças quanto ao que fazem nas aulas ao ar livre – observam as plantas, plantam flores, fazem reciclagem, apreciam os peixes no lago, etc. – deixam claro que elas são possíveis. Essas aulas estão intimamente ligadas à educação ambiental, extremamente importante nessa idade, sendo o melhor momento para fixar idéias de preservação e criar hábitos de economia de bens naturais e respeito à natureza. Hortas e plantios são sempre bons instrumentos para a educação ambiental. Abbud (2006) coloca o plantio de árvores frutíferas como uma boa forma de *“educar as crianças, fazendo-as perceber que os frutos não surgem empacotados para serem vendidos diretamente no mercado, como algumas delas acreditam. Nesse processo, as crianças podem vivenciar todo o ciclo de surgimento e maturação dos frutos. (...) Mesmo em situações que não haja muito espaço, é possível recorrer a espécies de pequeno porte.”* (Figuras 3, 4 e 5)

B – 4ª a 6ª séries, 10 a 12 anos

Trata-se de uma idade de transição. Enquanto se aproximam dos amigos e tentam continuamente criar uma independência dos pais, ainda mostram interesse por brinquedos e brincadeiras infantis em diversos momentos. Ainda tão ativos quanto os mais novos, porém o interesse pelo desenho já é um tanto menor. As crianças da sala de 4ª série visitada ainda desenhavam sem muito medo, embora não desenhassem mais do que o que fora pedido – ou seja, não ocupavam os dois lados da folha nem pediam por outras folhas para desenhar mais. Já a tentativa de pedir desenhos livres, realizada

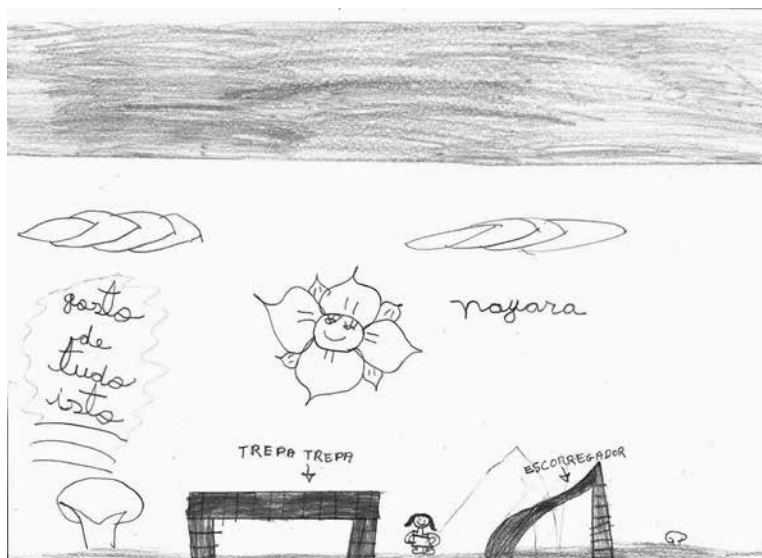


Figura 3

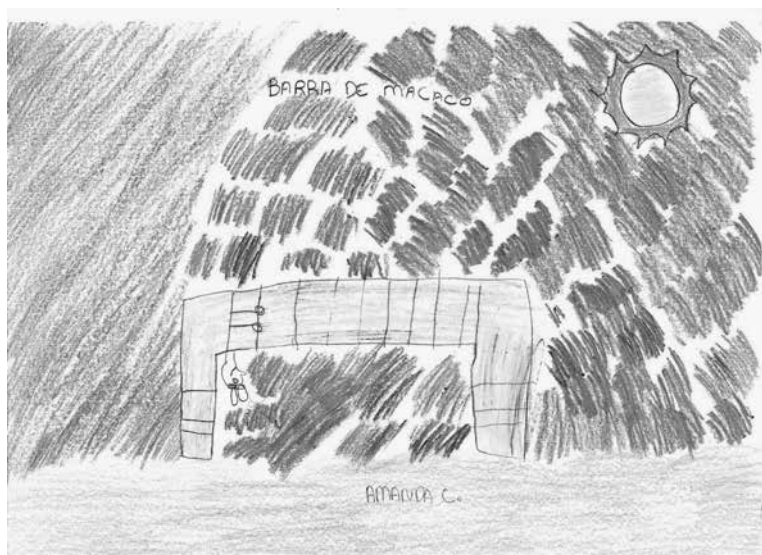


Figura 4



Figura 5

em uma sala de sexta série, não teve sucesso, a maioria dos alunos preferindo escrever a desenhar, por inibição. Por outro lado, os questionários obtiveram respostas cada vez melhor elaboradas.

O contato social ganha importância com a crescente busca por independência. De acordo com Fine (1981), as relações de amizade são centrais nas vidas dos pré-adolescentes e têm grande influência sobre o comportamento social da criança no futuro. O ambiente favorável à interação social contribui para o desenvolvimento das habilidades de comunicação e convivência dos pré-adolescentes. Percebe-se claramente essa evolução de interesses nas respostas dos questionários. Na escola estadual mais de 80% dos alunos respondeu passar o intervalo conversando com amigos. No CEU, foram 33% das respostas que envolveram o contato social. Explica-se a diferença entre as porcentagens pelo fato de CEU oferecer uma gama muito maior de possibilidades para se passar o tempo livre. Ainda assim, a porcentagem é considerável, especialmente comparando-a com aquela referente à faixa etária das crianças de 7 a 9 anos, apenas 15% das quais responderam passar o recreio conversando. Deve-se também manter em mente, ao projetar espaços para a convivência social em uma escola, que esses nunca devem ser escondidos ou reclusos de maneira a dificultar a supervisão dos adultos e facilitar outros tipos de interações sociais que também fazem parte do desenvolvimento das habilidades comunicativas, embora de maneira negativa, tais como brigas, drogas, etc.

Os espaços para lazer também têm importância significativa para essa idade. Embora se possa imaginar que aos 11 e 12 anos o interesse por brinquedos e parquinhos já seja praticamente nulo, as entrevistas realizadas com os alunos mostraram que isso não é verdade e, dada a opção, os parquinhos são quase tão visados quanto as quadras poliesportivas. Quando a alternativa não existe, no entanto, ela é raramente mencionada, indicando uma possível inibição por parte dos pré-adolescentes em demonstrar interesse por atividades comumente relacionadas às crianças mais novas. Na escola estadual, que atendia jovens a partir dos 11 anos, e dispunha apenas do pátio coberto e da quadra, apenas 12% das crianças de idade até 12 anos responderam passar o tempo de recreio “brincando”. Em contraste, no CEU, onde haviam parquinhos tanto exclusivos para os alunos menores quanto abertos para quaisquer crianças, 50% dos alunos dessa faixa etária disseram brincar durante o recreio. Claro que as estatísticas referentes ao CEU incluem crianças da 4ª série, diferentemente da escola estadual. No entanto, mesmo se considerando apenas as respostas da 6ª série, a porcentagem é maior, atingindo quase 38% dos alunos. Assim, conclui-se que brinquedos e parquinhos ainda têm utilidade em uma escola para crianças a partir dos 11 anos.

Ainda tratando os espaços de lazer, as atividades esportivas ganham muitos adeptos entre as crianças dessa idade. De fato, segundo as entrevistas, é a faixa etária em que o interesse por esportes é maior. Na escola estadual isso ficou claro na pergunta sobre o que faltava na escola, em que 73% dos alunos respondeu que a escola precisava de “mais quadras” ou de “espaço para outros esportes”. Na questão “O que você mais gosta de fazer na escola”, 33% dos alunos dessa faixa etária indicaram “praticar

esportes” entre as atividades preferidas, em contraste com os 18% das faixas etárias C e D. No CEU, essa porcentagem atingiu 47% dos alunos de 10 a 12 anos, e, nas plantas, as piscinas e quadras poli-esportivas foram os locais mais indicados como favoritos dos alunos dessa idade, seguidos pela quadra de areia, pista de skate, lago e parquinho. Abbud (2006) descreve possibilidades diversas para o espaço livre destinado a usuários dessa idade: *“Além dos computadores e jogos eletrônicos, preferem brincadeiras agitadas ao ar livre, em que despendam energia e mostrem ‘coragem’. Eles gostam, entre outras coisas, de espirobol, bicicross, skate, patins, sacos de boxe e paredes para escalada.”*

Esses dados deixam clara a importância do desenvolvimento das habilidades físicas nessa idade. Os espaços para esportes e brincadeiras permitem aos pré-adolescentes liberarem a energia em abundância. Redl (1958) explica que a inquietação típica da idade faz parte do desenvolvimento normal. Provendo-se o espaço e o momento para a movimentação, ação, barulho, etc., será mais fácil, para as crianças, acalmar-se nos períodos de estudo. A necessidade por movimento fez-se clara nas entrevistas, especialmente na escola onde o espaço não era adequado. Um aluno de 12 anos, por exemplo, respondeu passar os recreios *“pulando de um banco para o outro”*, enquanto outro disse gostar de *“pular do alto”*. Quando foi pedido às crianças de uma sexta série que indicasse, na planta da escola, o que gostavam de fazer em cada espaço, uma resposta recorrente foi *“pular”*, indicado nos espaços da escola com diferença de nível como, por exemplo, a arquibancada da quadra.

As aulas ao ar livre, por sua vez, podem ser úteis tanto para uma mudança na rotina – sair de vez em quando do ambiente fechado e ordenado para estar em contato com vento, com o sol, as sombras das árvores, etc. – quanto para se aproveitar as possibilidades oferecidas pelos espaços livres para ilustrar e enaltecer os conteúdos aprendidos em sala. Todos os alunos que nos questionários responderam já terem tido aulas ao ar livre mostram-se entusiasmados com a ideia, como indicam as respostas de alunos da sexta série, *“gostei porque não fica tanto calor e a gente se sente mais à vontade”*, *“gostei porque anima mais a gente”*, *“gostei porque prefiro ficar na natureza e respirar o ar puro”*, da quinta série, *“gostei muito, é bom, pelo menos a gente não fica só dentro da sala”*, *“gostei porque senti o vento”*, e da quarta série, *“foi muito legal, nós estudamos a área verde”*, *“eu gostei porque é ao ar livre”* (Figuras 6 e 7).

C – 7^a e 8^a séries, 13 a 14 anos

Essa faixa etária marca definitivamente o início da adolescência. Os interesses já são totalmente diferentes daqueles da infância, e eles fazem questão de deixar isso claro. A mudança no comportamento foi claramente observada nas salas visitadas. Eram menos agitados que os mais novos, respondiam aos questionários em silêncio, sem fazer muitas perguntas e com bastante clareza.

As respostas mostraram maior maturidade dos alunos em diversos momentos, especialmente na pergunta sobre o que faltava na escola. Diversos alunos reclamaram do calor dentro das salas de aula, enquanto outros discutiram o uso do espaço, dizendo,

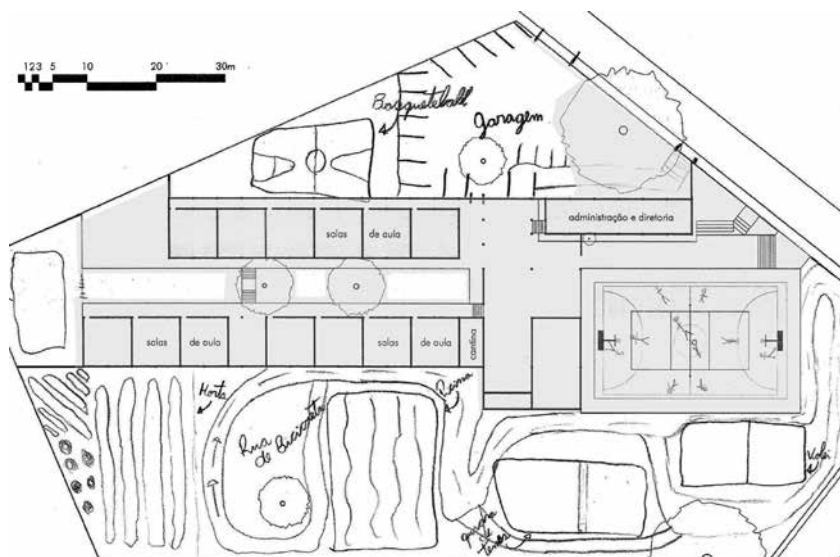


Figura 6

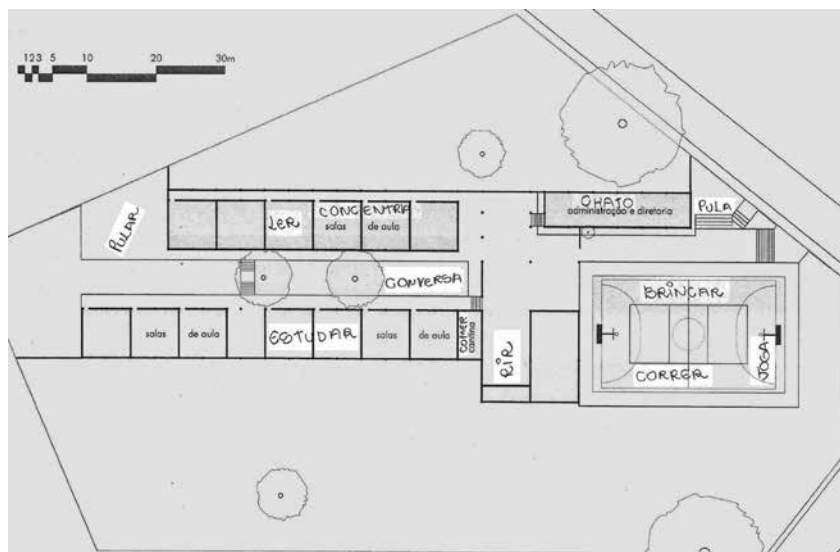


Figura 7

por exemplo, que na escola “*não falta nada, mas o que temos pode ser melhor utilizado*”, ou que gostariam que “*tivesse espaço mais livre, sem tanto portão*”, e ainda “*gostaria que tivesse menos grades e um espaço para os maiores (nós)*”. Essa última resposta, de uma aluna da 8ª série, mostra a vontade de distanciar-se do rótulo de “crianças”. Já não são mais crianças e não querem mais usar os espaços populares entre os mais novos, nem ao mesmo tempo, uma vez que não há diferenciação no horário de intervalo entre as séries do Fundamental II.

A interação social é provavelmente a parte mais importante da vida nessa idade. Os grandes grupos de amigos, as paixões platônicas, o primeiro namoro. Todas essas novas experiências indicam qual a principal função a que os espaços livres devem atender. As respostas aos questionários esclarecem o mesmo. Na escola estadual, 100% dos alunos dessa faixa etária disseram passar os recreios conversando com amigos, enquanto,

no CEU, essa porcentagem foi de 62%, em contraste com os 33% da faixa etária B. Quando questionados sobre o que mais gostavam de fazer na escola, 67% dos alunos do CEU e 53% daqueles da escola estadual respondeu gostar de encontrar amigos.

No que diz respeito ao lazer, nessa idade os brinquedos e brincadeiras mais infantis já não fazem mais parte dos interesses dos alunos. Os esportes, por sua vez, continuam bem cotados. Entre os espaços mais indicados pelos alunos de 13 e 14 anos, daqueles que preferiam, no CEU, estão, em primeiro lugar, as quadras poliesportivas, seguidas pela quadra de areia e piscinas. Uma quantidade bastante grande de alunos reclamou quanto à falta de uso da piscina – que, no momento da realização do estudo de caso, estava fechada para manutenção há semanas – e da quadra coberta.

As aulas ao ar livre ainda são bastante úteis, nessa idade, para reavivar o interesse dos alunos pelo conteúdo abordado em aula. A aceitação dos alunos para esse tipo de atividade é sempre muito alta, como mostraram as respostas aos questionários. Comentou-se, a respeito das aulas ao ar livre: *“gostei, pois nós saímos da sala e pesquisamos os pássaros”, “até que foi legal, tiramos fotos e muito mais.”*, e, sobre o que faltava na escola: *“precisamos ter aula ao ar livre pelo menos uma vez por semana, fazer trabalhos fora da sala, etc.”* A mudança de ambiente é sempre muito positiva. Entretanto, verificou-se que apesar da alta aceitação dessas por parte dos alunos, poucos eram aqueles que disseram já ter tido uma experiência do tipo.

Em uma avaliação geral, pode-se concluir que o espaço livre escolar, para idades a partir dessa faixa etária, perde a necessidade de grande variedade de elementos. Ele precisa permitir a integração dos alunos, a prática de esportes diversos e – sempre – a educação ambiental. Mas já não é mais necessário pensar em elementos diversos que permitam o desenvolvimento físico e sensorial. Por outro lado, é importante existir certa variedade de ambientes, de maneira que cada grupo possa escolher onde prefere passar os recreios e intervalos, variar de tempos em tempos, ou andar pelos diferentes espaços.

D – 1º ao 3º ano do Ensino Médio, 15 anos em diante

E, enfim, a adolescência de fato. Confrontados com as alternativas para o futuro, alguns começam a trabalhar enquanto outros dizem preocupar-se com os estudos. Mas as opções de lazer são iguais para todos: sair com os amigos. Ir ao shopping, ao cinema, às festas, à balada. Na escola, passam os intervalos conversando em grandes ou pequenos grupos, ouvindo música, tocando violão e cantando juntos, etc. Quando questionados a respeito do que acreditavam faltar na escola, 23% dos alunos do Ensino Médio respondeu faltar mobiliário no pátio, tais como bancos e mesas, em contraste com os 12% dos alunos mais novos (O CEU não atendia ao Ensino Médio, portanto os dados se referem apenas à escola estadual).

O interesse pelos esportes parece mais limitado, exclusivo àqueles que se deram bem com eles na infância e pré-adolescência; 18% dos adolescentes colocaram a prática de esportes como a atividade preferida dentre aquelas realizadas na escola, enquanto mais de 80% escolheu os estudos como preferência, porcentagem que, nas faixas etárias anteriores, ficou em torno dos 60%.

De fato, à medida que se aproximam da formatura, a ansiedade em relação aos próximos passos – o vestibular e a faculdade – e a pressão por parte da escola ou dos pais aumenta. Assim, manter o interesse dos alunos pelo conteúdo passado em aula é mais importante que nunca. Entretanto, embora os alunos gostem bastante da ideia de aulas ao ar livre, a aceitação dos professores já não é tão grande e a adequação do espaço parece ter grande influência sobre a realização ou não desse tipo de atividade. No CEU visitado, onde o espaço livre era vasto e bem mantido, todos os professores que responderam ao questionário disseram já ter aulas ao ar livre e pretender repeti-las. Por outro lado, na escola estadual, onde o espaço era pequeno e malcuidado, embora sete dos nove professores entrevistados tenha respondido já ter ministrado aulas ao ar livre, apenas dois pretendiam repeti-las. Aqueles que não o fariam argumentaram que o espaço era inadequado para o tipo de atividade. Uma professora de português que realizou uma aula de leitura e debate nos espaços livres explicou que os mesmos não permitiram *“a associação esperada. nos espaços livres deveria haver mesas e bancos para maior aproximação do educador e conforto para a execução da atividade”*. Outra professora, de história, disse que a aula não deu certo porque *“o espaço não era adequado, os alunos perderam a atenção e as salas têm um número muito alto de alunos”*. Uma terceira professora associou o insucesso da tentativa aos alunos de outras salas que estavam em aula vaga e atrapalharam sua aula, enquanto outra sugeriu que um espaço adequado deveria ser arborizado e ter piso adequado. No CEU, os professores descreveram diversas atividades pedagógicas realizadas nos espaços livres, entre as quais aulas de geometria, com medições, estudos das espécies vegetais e animais encontradas na escola, educação ambiental com hortas, aulas sobre lixo, etc.

No entanto, apesar da adequação do espaço livre facilitar ou dificultar as atividades pedagógicas nos mesmos, esse não é o único fator que determina a realização dessas aulas, pois se percebeu que, mesmo onde o espaço próprio existia, as aulas não eram regulares, nem faziam parte do programa normal da escola. Embora todos os professores tenham se colocado a favor desse tipo de atividade, poucos eram os alunos que respondiam já ter tido aulas ao ar livre. A quantidade diminuía sensivelmente da faixa etária B para a C, e percebeu-se que essas aulas eram regulares apenas em salas de polivalência – ou seja, aquelas de 1ª a 4ª séries em que um único professor cuida da educação das crianças. Assim que os professores se dividem pelas matérias que lecionam, na 5ª ou 6ª séries, a regularidade das aulas ao ar livre diminui consideravelmente, limitando-se à iniciativa eventual de algum professor. Portanto, é importante que, além da existência de espaços adequados, exista encorajamento e exigência por parte da direção para que eles sejam usados em toda a sua potencialidade (Figuras 8 e 9).

CONCLUSÃO

Em suma, a existência de espaços livres em escolas é de extrema importância para o desenvolvimento infantil e bastante positivo para a formação dos alunos. Um projeto

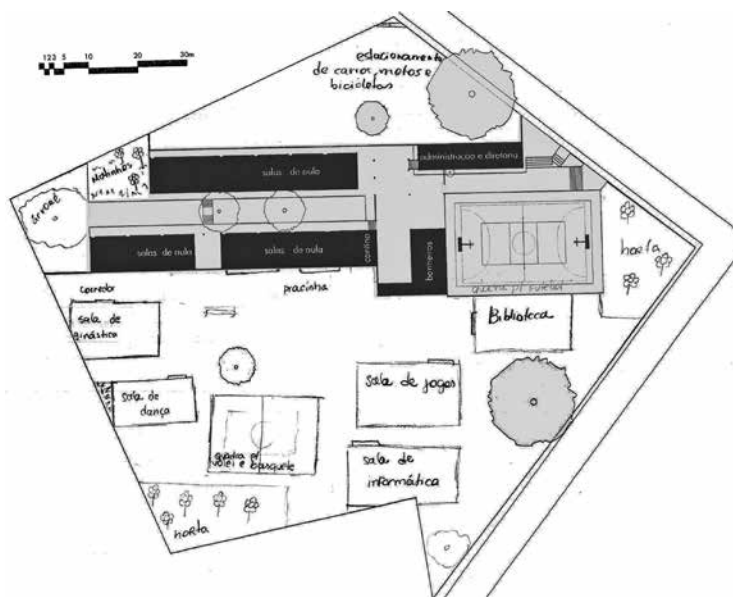


Figura 4

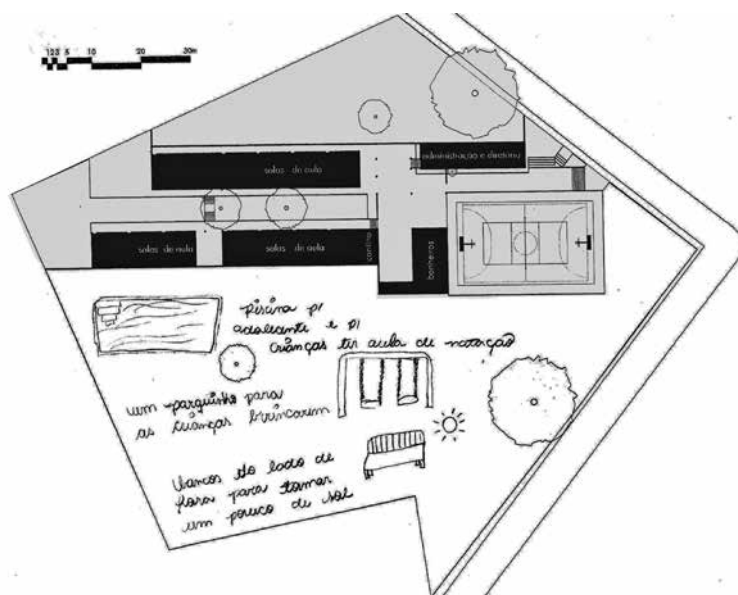


Figura 5

para uma escola deve levar em consideração todas as funções que o espaço livre pode adquirir e suas variações ao longo do desenvolvimento das crianças. Tentou-se, com este texto, fornecer uma base para delinear os aspectos aos quais o espaço livre escolar deve atender, de acordo com a faixa etária dos usuários.

Nos projetos atuais de escolas públicas em São Paulo – com exceção dos CEUs – os requisitos para o espaço livre quase nunca aparecem no programa. Exige-se a quadra coberta e um pátio coberto, mas os dois, muitas vezes, nem estão integrados e o espaço livre dispõe de pouca ou nenhuma área aberta. Atualmente, a maioria

dos terrenos disponíveis para a implantação de escolas – especialmente nas grandes cidades – são pequenos e difíceis de serem ocupados devido à sua declividade, e isso é entendido como motivo para a falta de exigências em relação aos espaços livres. Mas esses espaços não devem, sob hipótese alguma, ser tratados como dispensáveis ou menos importantes, pois não o são. Eles fazem parte da dinâmica escolar e contribuem para uma escola adequada da mesma maneira que a biblioteca, os laboratórios e a sala de informática. Uma escola não pode se resumir a meia dúzia de salas de aula dispostas ao longo de um corredor.

Dessa maneira, tentamos, com este texto, fornecer uma base para definir os aspectos aos quais o projeto do espaço livre escolar deve atender, de acordo com a faixa etária de seus usuários. Observa-se, entretanto, que embora os alunos de escolas de diferentes localidades apresentem várias semelhanças no que diz respeito às suas preferências, necessidades e demandas, cada escola é um caso particular, e, portanto, o projeto teve também de levar em conta as particularidades daquela comunidade na qual será implantado, o que não apenas justifica, porém exige um contato com a população que se utilizará da escola antes e durante o projeto.

A pesquisa aqui descrita, desenvolvida durante 2007, teve prosseguimento em 2008, dessa vez com foco na relação entre o espaço escolar e a pedagogia, sempre discutindo, especialmente, o espaço livre. Ambos os relatórios estão disponíveis na biblioteca da FAUUSP.

Bibliografia

- ABBUD, Benedito. *Criando paisagens: guia de trabalho em arquitetura paisagística*. São Paulo: Senac, 2006.
- BELTZIG, Günter. Play areas in schools. In: BELTZIG, Günter. *Das Spielplatzbuch*. Berlim: Reihe Edition Spielraum, 1998.
- BUFFA, Ester. *Arquitetura e educação: Organização do espaço e propostas pedagógicas dos grupos escolares paulistas, 1973-1971*. 1. ed. São Carlos: EdUFSCar; Brasília: Inep, 2002.
- BITTONI, Dulcília Schroeder. *De volta ao quintal mágico: a educação infantil na Te-Arte*. São Paulo: Ágora, 2006.
- DELIJAICOV, Alexandre Carlos Penha. Centres d'Éducation Unifiés (CEU). *L'Architecture d'Aujourd'hui*, São Paulo: EDIF architects, n. 359, p. 82-87, 2005.
- FERREIRA, Avany de Francisco; MELO, Mirela Gêiger (Org.). *Arquitetura escolar paulista e política educacional*. 1. ed. São Paulo: FDE, 1998.
- FINE, Gary Alan. Friends, impression management and preadolescent behaviour. In: ASHER, Steven; GOTTMAN, John. *The development of children's friendships*. Nova York: Cambridge University Press, 1981.
- FLORES, Lais Regina. *Espaços livres em escolas: suas funções pedagógicas, sociais e ambientais*. São Paulo: FAUUSP, 2007.
- FUNDAÇÃO para o Desenvolvimento da Educação – FDE. Disponível em: <www.fde.sp.gov.br>. Acesso em: 17 jan. 2011.
- LUCATO, Sidimar. *Iniciação e prática esportiva escolar e suas dimensões socioculturais na percepção dos pais*. 2000. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Escola de Educação Física e Esportes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.
- MAZZILLI, Clécio de Toledo Sanjar. *Arquitetura lúdica: criança, projeto e linguagem*. Estudos de espaços infantis educativos e de lazer. 2003. Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

MOORE, Robin; GOLTSMAN, Susan M.; IACOFANO, Daniel S. *Play for all guidelines: planning, design and management of outdoor play settings for all children*. 2. ed. Berkeley CA: MIG Communications, 1992.

OLSON, Willard. A criança em idade escolar. *O mundo da criança: O desenvolvimento da criança*. 1. ed. brasileira. Rio de Janeiro: Delta, 1958.

PORTAL da Prefeitura da Cidade de São Paulo. Disponível em: <www.prefeitura.sp.gov.br>. Acesso em: 20 jan. 2011.

REDL, Fritz. O pré-adolescente. *O mundo da criança: O desenvolvimento da criança*. 1. ed. brasileira. Rio de Janeiro: Delta, 1958.

TOMINAGA, Yuzuru. *Educational facilities: New concepts in architecture & design*. Tóquio: Meisei, 1994.